

Letras, Arte e Revolução: Os tipógrafos no cenário da Manaus do início do século XX. Novos ritmos e sinais.

Claudia Amélia Mota Moreira *

RESUMO: Os tipógrafos se constituem como uma categoria peculiar na formação do operariado na cidade de Manaus no início do século XX, e em boa medida representam uma boa expressão do trabalhador moderno no início do século XX. O resgate do conjunto de experiências vividas e apreendidas por esta categoria e seu processo de luta é o tema central desta comunicação que busca entre outras coisas também compreender as formas de disseminação da cultura letrada entre os operários amazonenses durante a híbrida modernidade amazônica. Enfatizando o ambiente citadino como campo de correlação de forças, esses trabalhadores que se desejam e se forjam como lideranças entre o operariado local, encontram nas páginas dos jornais Gutemberg (1891), Vida Operária(1892) e Lucta Social(1914) um ambiente fértil para a construção de sua identidade.

Palavras - chave: Trabalho, Imprensa, Identidade, Urbanização.

ABSTRACT: The printers were forged as a special category in the training of Brazilian workforces, and in a good measure represent the best expression of the modern worker from the beginning of the twentieth century. The rescue of all the lived and understood experiences by this category and the process of struggle is the central theme of this article that also tries to understand the propagation ways of literate culture among the Amazon workers during the Amazon hybrid modernity. Highlighting the city environment as a correlation forces field, those workers who want to be leaders of the local workforces, find on the pages of newspapers like: "Gutemberg" (1891), "Vida Operária" (1892) and "Lucta Social" (1914) a fertile environment for their identity construction.

Keywords: Press – work – Identity - Urbanization

O projeto cosmopolita defendido pela elite manauara vivencia no ano de 1914 uns dos momentos cruciais de seu desenvolvimento. O Sr. Waldemar Scholz presidente da A.C.A. – Associação Comercial do Amazonas, em entrevista para o Jornal do Commercio¹ confirma a queda do volume de negócios devido às dificuldades de exportação da borracha para Europa. Que neste momento vive o conflitante contexto da 1ª Guerra Mundial.

Scholz afirma que tal situação trouxe “*certas dificuldades*” para os “*bons negociantes de Manaus*”. Estas dificuldades ganham contornos reais na figura dos seringalistas que se vêm privados da manutenção de seus desproporcionais padrões de vida. Este é o caso de Luiz da S.

* Este artigo faz parte da dissertação de mestrado “ Vozes operárias: A construção da identidade Operária amazonense através dos tipógrafos.1900 a 1920 em andamento no Programa de pós graduação em História da UFAM. Pesquisa financiada pela Capes/Fapeam.

¹ Coletânea de recortes do Jornal do Comércio do ano de 1914 elaborados por Artur Cesar Ferreira Reis. 1965. Encontrado na Biblioteca Artur Reis.Manaus-Am.

Gomes que vende seu palácio “Rio Negro” para o Sr. Alcântara por 200 Contos de Reis. (REIS, Ibidem: p.3)

Vivendo sob a tutela do Partido Republicano e sob o comando do governo de Jonathas Pedrosa, a Manaus de 1914, já vivenciou os primeiros momentos de deslumbramento com a riqueza trazida pelo látex, implantou seu programa político-sanitarista de mudança do espaço urbano e a elite desta Manaus, que se deseja européia e civilizada, construiu seu palácio de papel sob os escombros da sociedade indígena e tapuia. Estas transformações modificaram o cenário, e impuseram novos ritmos e sinais que devem ser apreendidos pelos pobres urbanos que constituem a sociedade manauara.

A cidade, neste contexto, se consome em múltiplas clivagens ideológicas que estão em pauta, são percebidas, defendidas por os diversos grupos que compõem o cenário urbano. Esta multiplicidade de projetos é percebida através do disciplinamento da urbs, do modo de pensar, sentir, amar, que passam a serem ditados pela elite econômica e intelectual do Estado. Ao menos é isto que se deseja, e se sonha.

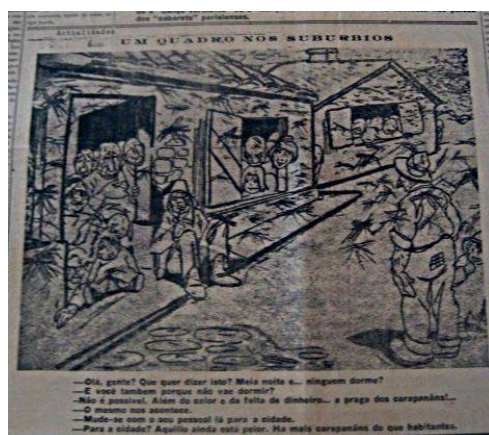
Mesmo sob a égide deste sonho, o *Jornal do Commercio*, periódico de uma longa tradição na defesa dos interesses da elite manauara, não conseguia esconder o cenário um tanto quanto desastroso da área urbana de Manaus.

“Não suficiente para atordoar o povo a grande crise que o perseguia”. Vieram os carapanãs. Os carapanãs tomaram conta da cidade como de um terreno conquistado. Então a fazer o martyrio de toda a gente. E’ um enxame a invadir as casas a noite, tirando o sonno a meio mundo, roubando a paz a todos, irritando os habitantes de Manáos. O clamor torna-se geral. “Brandam, no desespero e que se vem, os que têm a sua habitação invadida por essa praga de mosquitos, que atormentam que fazem quizila, que constituem o flagelo da época”. (J.C: 1914.p.01)

O discurso de defesa da população, assumido pelo *Jornal do Commercio* assinala o colapso que as mudanças estruturais trazidas pelo projeto da elite imputaram a Manaus. A intervenção não conhecia fronteiras, a invasão dos mosquitos surge como reflexo da mudança do espaçamento urbano, que ao interferir de forma tão imperativa nas áreas florestais muda o equilíbrio ambiental da área.

Podemos estabelecer a significância dos mosquitos quanto um símbolo inconveniente no palco harmônico da Manaus que se desenhava enquanto símbolo de modernidade: facilmente podemos afirmar que representa o cenário caótico, das rupturas rápidas e cirúrgicas, estabelecendo aquilo que se pode amparar na idéia de uma tragédia do

desenvolvimento. A velocidade das mudanças da urbs acelera a percepção do tempo e do espaço.



Um quadro nos Subúrbios coluna ironizando a situação da cidade. (J.C.1914:p.02).²

O sono tranquilizador, o fato dos *carapanãs*³, não distinguem as “casas das boas famílias” e aquelas pertencentes aos populares estabelece um dialogo entre espacialidades que se desejava separar. Eis, portanto a indignação mais contundente da elite manauara. Estas mudanças urbanas, reflexos do modelo que se estabeleceu: o clássico francês baseado na metáfora do corpo orgânico, que deveria ser cuidado e assepsiado, a teoria dos fluídos, onde a água e ar são portadores dos miasmas, que comandam o pensamento médico-sanitarista do final do séc. XIX(RAGO, 1987:116-118) são idéias refletidas na intervenção espacial da cidade.

Estabelecendo um diálogo com o pensamento de W. Benjamim em “Paris capital do século XIX(BENJAMIM, 1991) o aparecimento do homem privado é concebido para o burguês na representação da casa como domínio privado por excelência. Para as classes populares urbanas e rurais, ao contrário, as condições de moradia propiciavam um desenvolvimento da intimidade completamente diferente dos cultivados pela burguesia. A questão da morada popular foi apontada, no decorrer de todo o século XIX, como fonte de perturbação da ordem pública, de instabilidade política e de problemas sanitários.

O relatório oficial da pesquisa realizada em Paris após a epidemia de cólera de 1832 apontava as taxas mais altas de mortalidade entre os moradores das regiões mais sujas e

² Passamos a transcrever o trecho para um melhor entendimento. - Olá, gente? Como quer dizer isto? Meia noite e...ninguém dorme?

- Não é possível. Além do calor e da falta de dinheiro...a praga dos carapanãs!...

- O mesmo nos acontece.

- Mude-se com o seu pessoal lá para a cidade.

-Para a cidade? Aquilo ainda está pior. Há mais carapanãs do que habitantes.

³ Nome popular utilizado para denominar o mosquito comum.

miseráveis da cidade (D ÂNGELO,2001:01).Essas condições sugeriram inúmeras analogias entre os perigos da existência nas cidades e os riscos e adversidades das florestas. Constrangidos a viverem amontoados, os pobres eram levados a um uso privativo do espaço público e a manifestações, visando à redefinição de ambos. Padrões de moradia, as fachadas das casas, dos passeios públicos, alargamento de avenidas e ruas são as novas tarefas da Intendência Municipal.

O poder que o saber técnico da arquitetura, do urbanismo, da área medica e sanitaria, são utilizados visando uma verdadeira intervenção cirúrgica da cidade, que rasga avenidas e remove trabalhadores, fortalecendo o binômio auto-excludente: centro X periferia (NEDER,1997). Os cortiços, pensões, becos, bares são considerados os espaços malditos, sujos, fisicamente e moralmente. Os bêbados, os notívagos, as prostitutas, o trabalhador que “vaga” pela cidade apos o expediente, são personagens que degeneram este corpo social. Precisam ser extirpados ou disciplinados. A exclusão implica na negação do acesso ao reconhecimento social e a participação na produção da riqueza e do exercício da cidadania junto ao Estado (PESAVENTO, 2001:03-06).

O desejo de disciplinar e a necessidade de resistir – Os trabalhadores gráficos entram em cena.

Thompson percebe a experiência em dois níveis: a vivida e a percebida. A incorporação das vivências e experiências de um indivíduo ou um grupo deve constar da inter correlação entre a realidade posta e a realidade percebida (TOMPSON, 1987:27-35). Diante deste disciplinamento, a cidade reflete o caos estabelecido. Os personagens que o Estado deseja disciplinar fazem da insistência de suas presenças nos espaços públicos, nas conversas em bares, no porto, das reivindicações, das organizações sindicais, das greves, seus objetos de resistência.

Como é o caso dos trabalhadores da “limpeza publica que ensaiam um sussurro de greve em Julho de 1914” (J.C.,1914:02). O atraso do pagamento mensal de muitas categorias do serviço público, agregados aos discursos da imprensa operária de necessidade de organização da “*classe laboriosa de Manaus*” são elementos fundamentais para estabelecer a relação sofisticada entre o poder público e os trabalhadores.

A imprensa operária cumpre seu papel de porta voz da classe. No artigo “A fome nos empregados da Limpeza Pública” Lucta Social⁴ sai em defesa destes trabalhadores considerados, os verdadeiros saneadores de Manaus, que devido ao “atraso do pagamento de seus vencimentos levou-os ao acto de paralisar o trabalho por tempo indeterminado...” (Lucta Social,1914:08).

A prisão do espanhol Raphael Espindola e o lusitano Joaquim Monteiro (Ibidem:06) reflete como o trabalhador era enxergado pelo poder público: um bárbaro, um inimigo interno ou como afirma Michel de Certau (1973:58-64) um selvagem interno.

O ato de reivindicar o pagamento de salário se constitui como elemento de desordem e baderna passível de punição e disciplinamento. A prisão deve servir de exemplo para os demais trabalhadores que se aventurem a se organizar e se posicionar diante dos “*eventuais*” atrasos do Estado. Estas posições criam uma espécie de *barreiras psico-afetivas*, (NEDER:110) originando a segregação social e produzindo o efeito do distanciamento cultural e ideológicos que permeiam as relações entre classes.

Neste mesmo contexto, os gráficos da redação de “O tempo” (1914:05), diário que mantinha uma linha de defesa do poder publico, entram em greve. Em situação semelhante aos trabalhadores da limpeza publica, a “greve pacífica” foi motivada pela falta de pagamento destes trabalhadores, que há mais de 01 mês não recebiam seus salários. A situação de calamidade em que se encontram os operários é anunciada pelo Lucta Social (1914:06) em seu artigo “Em volta d’uma greve”. Descreve como estes operários carecem dos requisitos mínimos para a sobrevivência: alimentação, vestimenta e residência.

*“Havia cinco semanas que os escravos d’aquelle orgam não tinham o prazer de contemplar o gorro frigio d’um nikel”.
O padeiro a porta; o proprietário amável como sempre ameaçava com o despejo; carne a 1500 e 1700; (ainda dizem que ha crise) o merceeiro suspendem o credito, o calçado gasto, e. enfim pelo esophago só passa (as vezes) um café, - água quente em direcção do estomago...”*

Os tipógrafos do Lucta Social se solidarizam com os trabalhadores de O Tempo. Este processo demonstra uma das lições mais defendidas pelo proletariado, à ajuda mutua como elemento de elevação da consciência de classe. Conforme Robert M. Pechman (1994:29-34) a “rede de relações e estruturas de solidariedade” fortalecem a resistência dentro do espaço urbano. Com a idéia de ação direta, a greve agrupa o conjunto de idéias e valores das

⁴ Lucta Social de tendência anarquista elaborado pelos tipógrafos vem a lume em 1914. Com um discurso fortemente marcado pela defesa da classe trabalhadora

principais tendências: anarquismo e socialismo. Certamente inseridas no conjunto de comportamentos indesejáveis e condenáveis.

Os gráficos de O Tempo fazem uma assembléia e decidem pelo caminho da paralisação, mesmo sabendo das possíveis represálias por conta dos donos deste jornal. “Falaram, discutiram, mas por fim convenceram-se (...) Zás – a ação directa explodiu – Não se trabalha!(Lucta Social,1914:07). A greve é um instrumento eficaz de se fazer ouvir pelo poder, ela vem sendo utilizada como cenário de congregação, solidariedade e divulgador dos ideais libertários. E neste caso, nos parece que houve muita hesitação antes de decidirem optar por esta tática. Porém o resultado final foi o tradicional: demissão para todos! “Não escapou um.” ‘e assim que o Lucta Social descreve o desfecho deste ato grevista. Mais uma vez era necessário o disciplinamento e punição como forma de exemplo para os demais.

O desemprego, em uma sociedade que tem o trabalho como elemento legitimador da cidadania, representa a exclusão social e moral deste trabalhador. Ele se torna perigoso, turbulento, marginal, o bárbaro distanciado da matriz civilizadora, torná-lo invisível socialmente possui o peso de jogá-lo para fora dos parâmetros legais do Estado.

Outro elemento que desponta neste artigo é a existência de um exército de reserva de mão-de-obra no setor gráfico, pronto a entrar em cena caso novas vagas fossem postas em disponibilidade. Este elemento não escapa ao sarcasmo do editor do Lucta(1914:07) “... alguns inocentes companheiros, que, talvez a negrura da fome ainda não alcançou, correram como galgos á porfia promptos a prestarem o seu apoio ao jornal.”

Uma veia exposta no interior da categoria era a incansável luta pela organização da classe trabalhadora. Desde o surgimento do *Gutenberg*, primeiro periódico libertário surgido no final do sec. XIX esse desejo era instigado pelas falas dos tipógrafos. Vilispaugual colaborador deste periódico anuncia: “Faço, portanto, um apello nesta colluna aos meus dedicados collegas, para comparecerem a uma reunião, que brevemente será comunicada.”(Gutenberg,1891:03)

A busca pela coesão da classe, a organização dos tipógrafos do Amazonas em uma poderosa agremiação, capaz de defender seus interesses, foi desejo sempre presente nas preocupações desta categoria. 23 anos depois, em 1914, na voz dos tipógrafos do Lucta Social ainda verificamos a mesma angústia presente em seus discursos.

“A situação precária em que se encontra a vida em Manáos, demonstra a evidencia a necessidade da organização operaria. O operário, não se tem importado, absolutamente, com esse dever, decerto, porque a vida lhes sorria, mas numa felicidade ephemera (...) é preciso unir as diversas classes, para melhorar as condições de vida, de um povo, que sofre...”(1914:06)

A necessidade de congregar as diversas categorias que compõem o mundo do trabalho revela os projetos defendidos por parte desta categoria, uma sociedade onde as classes laboriosas comandassem os destinos do Estado, do país, do mundo. A organização em um sindicato que represente estes desejos era outro caminho amplamente defendido pelos tipógrafos como objeto “*onde o proletariado fortifica a sua consciência e estuda as questões que interessam as suas necessidades*” (Suplemento,1914)



Joaquim Azpilicueta, tipógrafo, discursando nas manifestações do Primeiro de Maio de 1914(J.C.,1914:02)

Porém este desejo de união não era compartilhado entre os membros da própria categoria, o episódio da greve do Tempo, serve como entrada para nós, historiadores, vislumbrarmos as dificuldades enfrentadas por aqueles homens que se propunham a organizar e discursar em defesa da classe trabalhadora amazonense. Os gráficos que não aderiram à greve ou que se recusaram a aderir, eram chamados de “fura-greves”, traidores:

Esses denodatos colegas que tão nobremente furaram a greve são dignos de honraria, pois além de ser um acto de solidariedade social demonstram a medicina, que o corpo, não carece de alimento: Para ter saúde basta trabalhar sem comer. Uma medalha de sola (ao que nos consta), vae ser colocada ao peito desses heróis gráficos, que tão valorosamente se distinguiram dos animaes racionaes. Duas bandas de música e a companhia de caçadores farão as honras do estylo por occasiao do acto, que terá lugar no curro (bairro de São Raymundo) às 20 horas do mês de janeiro próximo passado. A entrada é franca. Fallara no acto o companheiro Aristides Amazonas que será muito applaudido pelo auditório. Pois sim...” (Lucta Social:07)

O discurso presente no Lucta demonstra a construção de uma representação – de um conjunto de sinais - por parte dos tipógrafos que demonstra as várias visões/propostas, diferentes dentro desta categoria. A arma que dispõem para fazerem a denúncia daqueles considerados inimigos internos da categoria, traidores do projeto de emancipação da classe, é a imprensa.

A imagem construída por este instrumento revela os discursos recheados de intencionalidade. As construções da identidade da categoria pressupõem o princípio da alteridade (PESAVENTO,2002:14) “a existência do outro concretiza a diferença e os discursos dos jornais estão permeados do uso desta alteridade”. O tom de desprezo, ironia e condenação de indivíduos como Aristides Amazonas e Sr. Silvestre citado por eles, revelam esse outro, considerado como hemorragia letal para o sucesso do projeto.

A representação do mundo social não é neutra, nem reflexa ou puramente objetiva, ela implica atribuições de sentido em consonância com as relações sociais e de poder. E neste sentido Manaus passa a ser entendida não mais como apenas chão inerte das propostas defendidas para sua modificação e sim como cenário de manifestações, lutas e espaços onde os acontecimentos singulares permitem um olhar para além da poeira que se anuncia. A diferença é um elemento que se constrói a partir do enfrentamento das relações e os tipógrafos estão no “olho do furacão” da construção da identidade operária do Amazonas.

Periódicos

Social,Lucta .Manaus,1914.

Tempo,O. Manaus,1912-1914.

Gutenberg.Manaus,1891

Commércio, Jornal. Manaus, 1912-1914

REFERÊNCIAS

- BENJAMIM. W. Paris Capital do século XIX – Aparecimento do homem privado. In Sociologia. 2º. Ed. Trad. org. Flávio Kothe. São Paulo: Ática1991
- BENJAMIM. W. Paris Capital do século XIX – Aparecimento do homem privado. In Sociologia. 2º. Ed. Trad. org. Flávio Kothe. São Paulo: Ática1991
- BILHÃO. Isabel. Identidade e Trabalho. Uma História do Operariado Porto – Alegrense. 1898-1920. Eduel. Londrina. 2008.
- BLOCH. Marc. Apologia da História. Ou o ofício de historiador. Ed. Jorge Zahar. São Paulo. 2001.
- D ÂNGELO. Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. In Revista Brasileira de História. São Paulo. V.02 n.12. 2001
- FOUCAULT. Michel. Micro-física do Poder. Trad.R. Machado. Ed. Graal.Rio de Janeiro.1984.

- HAHNE. June E. Pobreza e política. Os pobres urbanos no Brasil-1870-1920. Brasília. Edunb.2000
- HARVEY. David. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. SP Ed. Loyola, 2003
- MARTINS. Wilson. A palavra escrita. História do livro, da Imprensa e da biblioteca. Ed. Àtica. São Paulo. 1998.
- MOTTA. Luis Carlos (org.) Imprensa e poder. Ed. UNB. São Paulo. Imprensa Oficial. 2002.
- NEDER. Gizlene. Cidade, Identidade e Exclusão Social. In Revista O Tempo. Rio de Janeiro, vol. 2 n.3. 1997
- OLSON. Mancur. A Lógica da Ação Coletiva. Tradução: Fabio Fernandez. S.P. Edusp. 1999
- PECHMAN. Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In. BRESCHIANI, Stella (Org.). Imagens da Cidade: séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, 1994
- PESAVENTO. Sandra Jathay. Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do séc.XIX. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2001.
- RAGO. Margaret. Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- SANTOS. Eloína Monteiro dos. A rebelião de 1924 em Manaus. 3º Edição. Manaus. Ed. Valer. 2001.
- THOMPSON, Edward P. As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos. Editora de Campinas. Campinas. 2001.

_____ A Formação da Classe operaria Inglesa. Paz e Terra. 3vols. Rio de Janeiro. 1987.

_____ A miséria da teoria ou um planetário de erros. Zahar. Editores. Copyright. 1978